

## Escombros

**Raïssa de Góes**

Um velho livro esquecido na varanda da casa. A cidade, úmida, deixa a tarde parecer mais arrastada. O livro, agora, está encharcado. Umidade. Algumas de suas páginas colaram. Separo as páginas, mas elas rasgam. Uma gruda na outra e rasga. Umidade. A página transmutou-se em uma ruína de papel. Uma ruína bidimensional como cartazes acumulados e arrancados do muro.

Uma página passa a habitar a outra compondo uma imagem que não existia antes, as letras se interrompem, se misturam e fazem desenho, traço. Uma colagem, um objeto pictórico como um quadro de Braque.

\*\*\*

Ruínas. Há quem já ande cansado deste termo. Mas podemos nos aproximar de um outro modo da ruína, não somente com a análise distanciada, mas com o corpo. Diminuir as distâncias. Podemos nos aproximar como um pintor faz com seu quadro: olha de perto, se perde e se confunde com ele, mesmo sabendo que em algum momento terá que voltar a se afastar. Proponho um pensamento que não se separe do fazer. Produção de pensamento como ato. Quando o pintor trabalha, há uma dança que acontece, proponho essa dança, tentar fazer da produção de conhecimento algo vigoroso, vivo.

Gostaria de poder ver a ruína do ponto de vista de sua escala urbana, não uma fotografia, mas sua ocupação no espaço. Depois, pode-se tomar distância de novo, para mais uma vez aproximar-se. É preciso estabelecer uma dança, uma fisicalidade com o conceito. Afirmo, mas bem poderia não afirmar, bem poderia me desdizer. Não por mudar de opinião, mas por entender, enquanto escrevo, que esta pode ser apenas a minha maneira de estudar e desenvolver uma ideia. Talvez ela não seja necessária para mais ninguém. Pois bem, me desculpo, e recomeço.

\*\*\*

O que é um texto em ruínas? Um texto esburacado? Faltante? Falar em texto faltante quase sugere algo que pula de uma pedrinha a outra. Como criança faz escolhendo apenas uma cor da calçada para pisar. Mas não sei se seu sentido carrega a criança saltando pelas pedras, ou se foi a forma de dizer que me fez lembrar de *saltitante*.

Fragmentos. Uma escrita fragmentada como queria Walter Benjamin, como fez Walter Benjamin. Seria uma escrita de colagens? Talvez. Mas não de todo. Penso nos espaços vazios entre os pequenos escritos, o espaço entre os fragmentos. Há um respiro ali. Um silêncio. Onde estaria esse silêncio quando pensamos na colagem? É possível que esteja entre nós e o objeto. Pensava na colagem urbana, como de repente chamo as ruínas na e da cidade. Colagem urbana.

\*\*\*

Vou mudar um pouco a distância do objeto. Não diria mudar o ponto de vista porque não se trata de ponto de vista, mudá-lo deixaria ainda separados a vista e o visto. Vou tentar deslocar, modificar esse espaço entre o olhar e o ponto: a colagem. Pensar o olhar como um ato, um gesto. Olhar como quem come, dizia Clarice<sup>1</sup>, olhar, portanto, como quem toca. O olhar como um fazer. Chegar perto do ato da colagem, em seu fazer, sua lida. O fazer da linguagem.

Ruínas, essa arquitetura destruída e abandonada. Estamos no mesmo plano, nós e os restos urbanos. Ela, paisagem de cacos, aparece integrada ao seu entorno, uma colagem de rasgos como cartazes acumulados em uma estação de metrô. Uma intervenção na cidade.

Uma torre decadente ou uma antiga capela abandonada não estão deslocadas do espaço que as cerca. Fazem parte dele, uma intervenção que dobra o tempo, não foi erguida contemporaneamente, mas num passado turvo, e se torna permanência como destroço, sua permanência “apesar de tudo” é que provoca essa sensação de intervenção. Produzida pelo intempestivo, pelo tempo que irrompe, quase sem tempo.

Qual o tempo da ruína? O passado? Mas, no passado, a construção estava inteira. A ruína tem sua argamassa vinda do passado, mas é presente. Cria um paradoxo, um nó. Sua edificação do passado, não inteiramente demolida, resta como uma outra paisagem. Passa a configurar o espaço como uma intervenção contemporânea. Talvez seja uma criação na espessura do tempo, acontece do tempo ter espessura quando ele vira espaço.

Deixemos, pois, por ora, o tempo. Vamos apenas ocupar o espaço. Essa colagem arquitetônica, onde o escombros e a cidade criam uma imagem.

O muro da casa abandonada é pedaço de imagem interrompido e o derredor a completa, gerando, assim, uma terceira imagem na cidade.

A colagem no campo das artes visuais ganha força durante o Cubismo. Não irei me deter demasiado na questão da História da Arte, ela, a História, pode nos ajudar e até servir de guia em alguns momentos, mas não creio ser este um desses momentos. Como já nos mostrou Walter Benjamin e também Aby Warburg, essa grande narrativa dos fatos tende a amortecer e apaziguar a crítica possível sobre eles, os fatos. Poderia fazer também uma crítica ao termo: fato. Mas compreendamos da maneira mais simples; o ocorrido. Melhor: o gesto. Tentemos evitar a cronologia, sigamos o tempo dessas ruínas urbanas, esse tempo de dobras. Evoquemos os trabalhos dos cubistas para olharmos para seus gestos. O gesto do artista diante do processo de criação. Nos aproximemos, portanto, delicadamente, de seus braços, suas mãos. Nos esforcemos para pensar o objeto sem o pretenso distanciamento do crítico, mas fiquemos em silêncio respirando lentamente no cangote do artista.

Braque e Picasso, por exemplo, criam um espaço pictórico onde passam a figurar elementos que não vinham da pintura, mas já estavam prontos ao alcance das mãos dos

artistas. Folhas de jornal, letras de cartazes, barbantes, pregos, objetos variados colados sobre a tela. Esses objetos geram estranhamento, talvez impacto, algo da vida cotidiana deslocado para o espaço habituado da ilusão. É esse impacto que tento buscar, perseguir, para propiciar uma discussão aqui.

Não o impacto do “objeto real” no campo da pintura, outrora associado à ilusão, mas de dois contextos diferentes que colocados um ao lado do outro criam uma outra imagem ou narrativa. Estendo este conceito de colagem para as ruínas urbanas, para os restos deixados pela cidade. Caberia, então, a pergunta: como se pode perceber este alargamento do conceito?

\*\*\*

Casa vazia. Um filme. Um filme que no Brasil se chamou “Casa vazia”. Era coreano e foi feito em 2004, nele um homem entra nas casas vazias de pessoas que estejam fora da cidade. Vive um pouco nessa casa e depois vai embora, busca outra. Deixa alguma coisa fora do lugar, um pequeno rastro quase imperceptível. Alguns percebem, mas pensam ter sido autores de uma distração, ninguém desconfia que alguém entrou em sua casa. Uma mulher enredada por um casamento machista, passa suas tardes sozinha, quase um fantasma. Esse homem entra na casa onde perambula a mulher. Os dois se veem, os fantasmas se enxergam. Ele passa a viver ali, ela o vê e o marido não. É nesse homem fantasma que penso quando sugiro uma aproximação entre o olhar e o fazer do artista. Um passo leve, respiração controlada, silêncio. Então, acontece: ela (ação? obra?) nos olha de volta.

\*\*\*

Um dos modos de ver a edificação abandonada como parte da mesma superfície que o espaço que a rodeia é forçar a vista para o plano do desenho. A ruína, então, passa a formar uma colagem com a cidade que a cerca. Passa a fazer parte do espaço em torno, criando, ambos, um plano outro, uma outra imagem ou narrativa, como ocorre na colagem. Procuro pensar em ruínas bidimensionais. Ou, colocando de uma outra forma, ruínas pictóricas, aproximando ainda mais evidentemente este conceito do conceito de colagem.

O impacto suscitado pela colagem vem, não do choque, mas do ato mesmo da colagem. Não se trata de criar uma imagem que choça, mas de colocar lado a lado dois fragmentos, dois recortes ou rasgos e, desta aproximação, surge uma terceira imagem. O impacto seria o encontro desses recortes primeiros que produzem a imagem final da colagem. Existe, talvez, nesse processo uma abertura para o inesperado, para o acaso. São fragmentos de planos distintos (seja vida/arte ou escrita/imagem) colocados lado a lado, colocados em contato e esse “impacto” ou colisão de planos produz a imagem, ou a poesia, escrita etc.

O que tento propor aqui é mais uma vez o olhar voltado para esse resto, o que ficou no lado onde não se apresenta como linha de frente. O vazio do fragmento, antes, o negativo do fragmento.

\*\*\*

O álbum de família. As fotografias são retiradas do papel cartão. Restam marcas vazias, manchas retangulares. Uma marca de um objeto que esteve colado ali. Dessa mancha, pode-se saber uma história? Há narrativa?

A forma retangular aponta para um vazio, o álbum de família esburacado, a falta. Uma família se desfaz? Será? Os mortos carregam suas fotografias, será? Costumava-se dizer dos índios que eles não permitiam ser fotografados para não terem suas almas roubadas. Talvez os mortos carreguem suas almas com eles quando vão embora. O álbum de família vai sendo feito de manchas. O que contam essas manchas? Resta um tantinho de alma? Um esquecimento.

\*\*\*

Há algum tempo, vem habitando meu escopo de pesquisa a questão do esquecimento.

Não qualquer modo de esquecimento; não se trata, por exemplo, de sua forma patológica: a demência, que o faz tomar conta de tudo, de quase todo o sujeito.

O interesse da pesquisa é pensar o esquecimento como uma escrita, lugar comumente deixado à memória. Proponho pensar nesse díptico; memória e esquecimento, não como antagônicos, mas como fazendo parte de um mesmo conceito. Suas escritas não são coincidentes, mas habitam o mesmo espaço.

O esquecimento seria uma escrita da borracha, das marcas. Creio que aqueles que já desenharam ou mesmo escreveram qualquer nota usando um lápis, podem imaginar o que descrevo. Um pequeno recado escrito a lápis, um lapso gramatical ou um vocábulo mais apropriado nos faz apagar parte do bilhete e corrigi-lo. Ao fazermos isso, um resto de palavra sobra, não se apaga. A isto chamo escrita do esquecimento. (Neste momento no qual visualizaram o processo, permitam-se criar uma metáfora, talvez seja de ajuda à imaginação.) O que interessa aqui não é, portanto, a lembrança, não é o protagonismo da rememoração, ou a infidelidade da memória. Busco as marcas deixadas pela borracha, os traços falhos que o esquecimento produz. Como uma escrita. Venho buscando esta escrita feita de vazios e restos. Quase inexistente.

Procuro essas marcas daquilo que resta. Seja na cidade, seja nas narrativas silenciadas ou na história política apagada.

Apresento uma imagem de um projeto dessa pesquisa, que venho desenvolvendo nos campos acadêmico e artístico.

O esquecimento, como disse, é pensado como uma escrita. Escrita por meio de marcas, estas produzidas através da impressão de um corpo sobre outro. Impressão em seu sentido mais literal: a imagem que um corpo imprime sobre outro e que é vista quando resta apenas um dos corpos. Permanece o resto, a marca do toque. Um vazio onde ainda se vê vestígio, a escrita do esquecimento.

A série apresentada foi feita com imagens da cidade, um olhar para a arquitetura da cidade. Onde prédios, construções são erguidas e demolidas. O espaço urbano se mostra comprimido, prédios colados em prédios. Quando se dá uma espécie de reconfiguração desse espaço e um dos imóveis é demolido, resta sua marca naquele que permaneceu em pé. As fotografias são dessas marcas no prédio que permanece. O prédio “apagado” deixa um resíduo no prédio que continua erguido. Como uma ruína impressa, como uma colagem tomando o espaço urbano.



\*\*\*

O esquecimento nunca permite que a imagem vá realmente embora. Inscreve-se na ausência da fotografia. Pequenas ruínas. É o esquecimento da imagem no retrato perdido, a ausência do morto. O morto que está sem estar propriamente. Não se trata da lembrança. Posso me lembrar de meu avô morto e lembrar do dia no qual ele, sentado no sofá, conversava com meu primo. O abracei e ele pôs a mão sobre meu antebraço. Nos amávamos, meu avô e eu. Esta é uma lembrança e carrega todas as fantasias da memória. Mas não é disso que estou falando. Não é sobre lembranças ou memórias que escrevo. Mas sobre o que resta mesmo depois de apagado. O espaço negativo, a marca do que já fora ocupado.

\*\*\*

A seguir, colo neste, o texto que acompanha a série dessas fotografias da cidade. Série da qual a foto acima faz parte. A sequência de fotos aparece em um vídeo junto com o áudio desse texto que segue. Uma voz sussurra:

*Um caminho, como se faz? Houve um homem torto. As mãos eram tortas e também o seu joelho direito. Esse homem, certa vez, me levou por um caminho de areia no meio de um coqueiral. Depois, disse: vou sumir. Vou-me embora. E eu? Eu volto será? Será que consigo voltar? Não se aperreie, não. Se não souber acertar a volta, pergunte ao caminho que o caminho ensina.*

*O caminho já estava lá ou foi se fazendo ao longo do percurso? Traçado. Uma linha que se desenha no enquanto. Tempo de duração. O enquanto é tempo de duração, de percurso, de caminho.*

*Deixo o tempo e fico parada, à espreita no meio do traçado, do gesto. Nesse meu traçado, sigo com o olhar voltado para os vazios, os cantos onde já estive alguma coisa, algum corpo. Corpo sobre outro corpo. Gosto de olhar para onde ninguém se interessa mais. Lugares em abandono. Momentâneo abandono, não importa, não me importa o tempo, mas o canto.*

*Olhar como quem escuta. Escutar, do vazio, uma história. Uma voz.*

*Uma voz que escuta. Sim, escuta. Um toque. Dois corpos e o contato. Dois corpos, duas mulheres. Vocês se lembram das duas mulheres numa casa perto do mar e do frio? Isoladas. Não é invenção minha, não. Dois corpos, um fazendo pressão sobre o outro. Impressão. Contato. Superfícies em contato.*

*Uma marca por contato. Escrita. Inscrita. O que é um contato? Um corpo afetado por outro corpo, o toque. A ligeira pressão, o peso, o beijo, o sexo, ou nada disso. Apenas um vazio de um corpo só, deixado de lado. Em pé ainda na cidade, deixado pra lá. Sozinho. Na sua pele de concreto, a marca de um abandono. O outro.*



NOTA

---

<sup>1</sup> Lispector, Clarice (1998), *A paixão segundo G.H.*, Rio de Janeiro, Rocco.